

Contribuições e limites das bandas marciais escolares de João Pessoa: uma análise a partir de experiências de ex-integrantes

Contributions and limits of the school marching bands of João Pessoa: an analysis based on the experiences of former members

Rodrigo Lisboa da Silva

Resumo: As bandas marciais são atividades educativas presentes no cotidiano de diversas escolas. Elas podem oportunizar o fazer musical através da prática instrumental e, ainda, encaminhar diversos de seus alunos e ex-alunos a uma futura profissionalização em música. Entretanto, nem todos seguem a música como profissão e/ou ingressam em um curso de graduação na área. Neste sentido, este artigo apresenta um recorte de um estudo qualitativo de mestrado cujo objetivo foi investigar as percepções e experiências de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa (PB) – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020). Com vistas a conhecer os respectivos percursos de formação desses ex-integrantes, foram utilizadas entrevistas narrativas e, como complemento de informação, entrevistas semiestruturadas. A análise final foi construída através do entrecruzamento dos relatos dos sujeitos em diálogo com os estudos da área da educação e educação musical. Neste sentido, este texto discute como a participação em bandas escolares pode trazer diversas contribuições que fazem parte da memória de seus ex-integrantes até os dias atuais. Além disso, apresenta e analisa alguns limites presentes nas práticas musicais desses grupos que foram revelados nos depoimentos dos sujeitos entrevistados. Dessa maneira, espero que este estudo possa colaborar na compreensão das bandas como espaços significativos na vida de seus participantes, apontando, ainda, para a necessidade de se repensar e refletir sobre algumas de suas práticas educativas e musicais.

Palavras-chave: Educação Musical; Bandas Marciais Escolares; Contribuições; Limites.

Abstract: Marching bands are educational activities present in the daily life of several schools. They provide opportunities to make music through instrumental practice, being capable of referring several of their students and former students to a future professionalization in music. However, not everyone pursues music as a profession or enter an undergraduate course in the field. Therefore, this article presents an excerpt from a qualitative study of master's degree whose objective was to investigate the perceptions and experiences of ten former members of school marching bands from João Pessoa (PB) – who did not follow higher or professional studies or a career in the field – regarding their musical education paths (SILVA, 2020). In order to learn about the respective training paths of these former members, narrative interviews were used and, as a source of complementary information, semi-structured interview. The final analysis was constructed through the intersection of the subjects' reports in dialogue with the studies in the area of education and music education. Therefore, this article discusses how participation in school bands can bring several contributions that are part of the memory of its former members until today. In addition, it presents and analyzes some limits presents in the musical practices of these groups that were revealed by the former members. In this way, I hope that this study can contribute to

the understanding of bands as significant spaces in the lives of their participants, evidencing the need to reflect and rethink about some of its educational and musical practices.

Keywords: Music Education; School Marching Bands; Contributions; Limits.

Introdução

255

As bandas são manifestações que acompanham a humanidade há séculos, assumindo distintos significados relacionados ao contexto sócio-histórico e cultural em que estão imersas. Embora não haja uma definição rígida e absoluta quanto ao termo “banda”, estudos apontam que tal vocábulo remete aos conjuntos musicais compostos por instrumentos de sopro e percussão e que executam músicas específicas para o deslocamento de pessoas (DANTAS, 2018, p. 13; NÓBREGA, 2018, p. 29). Dessa maneira, o corpo musical de uma banda marcial é, geralmente, constituído por instrumentos de sopro metais – trompetes, trompas, saxhorns, trombones, eufônios, tubas – e de percussão –, pratos, caixas, *tenor drums*, bumbos etc. Todavia, é possível perceber que esses grupos executam um repertório que não está limitado às marchas de Sete de Setembro, mas que engloba peças eruditas, regionais, gêneros nacionais e internacionais, temas de filmes etc. (LIMA, 2007, p. 41; SILVA, 2012, p. 34). Além disso, as bandas marciais estão presentes em diversos contextos e eventos cotidianos: desfiles cívicos, comícios, inaugurações, concertos, retretas, aberturas de eventos e, ainda, em práticas musicais escolares.

Dessa maneira, as bandas marciais escolares são atividades educativas que oportunizam o aprendizado musical por meio da prática instrumental e favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais em seus integrantes – socialização, formação de amizades, sentimentos de pertencimento etc. Os estudantes têm na banda escolar uma oportunidade de lazer ou de poder descontrair através da música, uma vez que, frequentemente, não têm a intenção de seguir a música como carreira profissional, mas sim de utilizá-la em momentos informais de seu cotidiano. Assim, este estudo concentra-se em ex-integrantes de bandas marciais de



João Pessoa, capital da Paraíba, cujas práticas estão diretamente relacionadas aos ambientes escolares de educação básica.

O número de bandas marciais nas escolas da rede municipal de ensino de João Pessoa é tão expressivo que, em sua pesquisa, Nóbrega (2018) a intitula de “A cidade das bandas”. Dessa maneira, ao conduzir um estudo com base em questionários que buscou compreender a função e as concepções educativas do projeto de bandas escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa, Nóbrega (2018, p. 62) constatou que dentre as 70 escolas municipais investigadas no ano de 2017, 66 possuíam bandas marciais, representando um percentual de 94,3%¹. Dessa forma, muitos alunos das escolas das redes de educação básica vêm escolhendo um instrumento musical para estudar em seu período na banda marcial, permanecendo por anos nesta atividade. Entretanto, com base em minha trajetória em bandas escolares – como aluno e depois como regente –, pude perceber que muitos estudantes que participaram desses conjuntos não seguiram carreira como músicos profissionais e/ou ingressaram em um curso de graduação na área. Além disso, a partir do meu convívio e da minha experiência nestes grupos, foi possível escutar algumas frases advindas da população (pais, professores, coordenadores, gestores etc.), tais como: “a banda melhora o comportamento e o rendimento escolar do estudante”, “a banda é uma atividade acolhedora que promove respeito e união”, etc.

Tendo como ponto de partida estas questões que me inquietam, esse artigo é resultado de um estudo de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba que teve como objetivo investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa – que não seguiram estudos superiores ou

1 Além do projeto de bandas da rede municipal de ensino, João Pessoa conta com um projeto de bandas marciais da rede estadual de ensino da Paraíba. Para maiores detalhes sobre o contexto das bandas escolares em João Pessoa, ver Nóbrega (2018, p. 46-89) e Silva (2020, p. 95-98).



profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020)².

Para alcançar tal objetivo, utilizei a abordagem qualitativa como procedimento metodológico. A pesquisa qualitativa tem como características ser descritiva, interpretativa, contextual e preocupada com diferentes significados, eventos e experiências de vida (GÜNTHER, 2006, p. 201-204; QUEIROZ, 2006, p. 90). Assim, foi necessário lidar com subjetividades e visões diversas acerca do fenômeno estudado – nesse caso, as bandas marciais escolares – levando em consideração, também, as expressões, os simbolismos e os sentimentos dos sujeitos entrevistados.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram dez ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa, todos maiores de dezoito anos. Um dos critérios para a inclusão desses ex-integrantes nessa pesquisa foi que tenham participado de uma banda marcial escolar por pelo menos um ano letivo e não tenham seguido a carreira como músicos profissionais ou realizado um curso superior na área. Considerei um ano letivo de participação (dois semestres escolares) como o tempo mínimo para que os sujeitos tivessem estabelecido uma relação duradoura com as bandas, revelando, em suas narrativas, diversas experiências vividas que pudessem trazer contribuições significativas para este trabalho. Também só foram considerados os sujeitos que saíram da banda há menos de cinco anos. Ou seja, participantes que tenham deixado a banda, por diversos motivos, antes de 2014 não entraram nesta pesquisa³. Possivelmente, sujeitos que tenham saído da banda marcial há mais tempo tendem a recordar apenas os momentos positivos e, assim, idealizar e romantizar suas experiências musicais em tais espaços.

Estes ex-integrantes foram localizados através do contato com outros regentes de bandas escolares que se dispuseram a ajudar no desenvolvimento deste trabalho. Tendo em mente que estes ex-integrantes já se distanciaram

2 O presente trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora Dra. Maura Penna e teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

3 A coleta de dados ocorreu no período de 20/05/2019 a 17/10/2019. Dessa forma, atende ao critério de tempo máximo de saída dos sujeitos (cinco anos) das respectivas bandas em que participavam.



das bandas, foi importante a busca ativa em redes sociais (Facebook, Whats App) para localizá-los e, também, a estratégia de “bola de neve”: os entrevistados indicaram outros sujeitos que pudessem contribuir com esta pesquisa.

De modo a conhecer a história de vida musical de cada ex-integrante, o instrumento que julguei mais adequado para o desenvolvimento deste estudo foi as entrevistas narrativas. Como apontado por Gibbs (2009, p. 81), as narrativas dão voz aos respondentes, revelando seus sentimentos e vivências. Através delas, os sujeitos destacaram suas experiências e os significados de seus percursos de formação em bandas, apontaram momentos marcantes, sentimentos, pessoas que influenciaram suas trajetórias, planejamentos etc. Dessa maneira, as entrevistas narrativas foram ferramentas fundamentais para o acesso das respectivas histórias de vida musical dos ex-integrantes participantes da pesquisa.

Foram realizados contatos iniciais com os sujeitos a fim de verificar seus interesses e disponibilidades em oferecer seus relatos de vida e, ainda, explicar os objetivos e possíveis desdobramentos deste estudo⁴. Dessa forma, as primeiras entrevistas, as narrativas, apresentavam uma questão norteadora comum a todos os sujeitos: Eu gostaria que você me contasse a respeito da sua história de vida musical. Como começou o seu contato com a música (na família, na igreja, com qualquer tipo de música). Aborde como foi que você decidiu entrar na banda e como foi sua trajetória dentro desta atividade. Conte-me como as coisas ocorreram até os dias de hoje, qual a sua relação com a música atualmente, sem pressa e com detalhes. Tudo que for importante para você será interessante para mim.

Após a leitura da questão norteadora, os sujeitos tiveram liberdade para narrar seus respectivos percursos de formação musical nas bandas marciais escolares em que participaram. Dessa maneira, eu, enquanto entrevistador,

4 Todos os sujeitos assinaram – em duas vias – um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicita os objetivos da pesquisa, a metodologia da coleta, as possíveis implicações para a área da Educação Musical e as condições de participação livre e voluntária dos entrevistados. Além disso, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27/02/2019.



busquei escutar com atenção os depoimentos de cada sujeito, sem interferir no transcorrer de seus relatos. Todas as entrevistas foram realizadas em horários e locais convenientes aos entrevistados e registradas utilizando aplicativos de gravação de áudio para aparelhos celulares.

Após a primeira entrevista e sua transcrição, uma segunda entrevista com estes sujeitos foi considerada necessária para o desenvolvimento da pesquisa, com vistas a explorar alguns dados relevantes destacados por eles em suas narrativas iniciais. As segundas entrevistas foram semiestruturadas, tendo o propósito de complementar as informações obtidas nas narrativas, esclarecendo alguns trechos e aprofundando aspectos pertinentes aos objetivos do estudo.

A entrevista semiestruturada foi elaborada e conduzida com base em um roteiro de perguntas abertas. Sua aplicação foi realizada de forma flexível, havendo mudanças na ordem das perguntas e reformulações. Embora houvesse questões comuns a todos os sujeitos, os roteiros das entrevistas semiestruturadas apresentaram perguntas específicas para cada sujeito em função de seus respectivos depoimentos nas narrativas. Além disso, foi possível interagir com os entrevistados na hora da coleta, formulando outras questões que pudessem ser relevantes para esta investigação.

Como os sujeitos da pesquisa são ex-integrantes de bandas envolvidos com outras atividades profissionais que não estão ligadas à música, ficou mais desafiador encontrá-los. Assim, para não perder o contato com eles, decidi coletar a primeira entrevista narrativa, transcrevê-la, fazer uma análise inicial para elaborar e aplicar a entrevista semiestruturada o mais rápido possível – preferencialmente na semana seguinte.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, destacando informações de natureza verbal e não-verbal. Foram considerados regionalismos, gírias e expressões da linguagem cotidiana dos sujeitos. Realizei pessoalmente as entrevistas e suas respectivas transcrições. Embora esta opção tenha sido trabalhosa, coletar as entrevistas e realizar pessoalmente suas transcrições enriqueceu este estudo na medida em que



pude ter uma maior familiarização com os depoimentos dos sujeitos e suas particularidades.

Os entrevistados foram identificados como Sujeito 1, Sujeito 2, etc., e apenas exemplos significativos de suas falas aparecem no corpo deste texto. Além disso, atentei para o anonimato dos trechos citados, a fim de garantir que sinais sutis não revelassem suas identidades. Dessa maneira, por motivos éticos, informações como nome de pessoas, locais (escolas) e de bandas marciais foram omitidas. Após a transcrição de todas as entrevistas, um tratamento gramatical foi necessário nos trechos que foram citados. Dentro das dimensões deste estudo, considerei pertinente “organizar” as falas dos participantes das entrevistas, tornando-as mais compreensíveis aos leitores.

Os sujeitos da pesquisa são jovens com idade entre 18 e 25 anos, residentes da cidade de João Pessoa, todos homens⁵. Nove sujeitos são ex-integrantes de bandas escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa, sendo que apenas um deles teve sua trajetória ligada a uma banda marcial pertencente a uma escola privada. Além disso, o tempo de participação em bandas variou de dois a 13 anos e o período de afastamento ficou entre um ano e seis meses até cinco anos, atendendo, assim, aos critérios estabelecidos para seleção de ex-integrantes⁶.

As entrevistas narrativas e as entrevistas semiestruturadas possibilitaram o acesso às histórias de vida musical dos ex-integrantes de bandas marciais escolares participantes deste estudo. Dessa maneira, os sujeitos apontaram perspectivas diversas sobre os significados que tais grupos educativos representaram e ainda representam em suas vidas. Os dados coletados foram categorizados, comparados, entrecruzados e analisados com base em uma revisão bibliográfica consistente para sustentar e embasar a compreensão do fenômeno estudado.

As histórias de vida musical de cada sujeito com a banda marcial são particulares, apresentam semelhanças e singularidades. Tendo em mente as

5 Não era uma exigência que todos os entrevistados fossem homens, mas isso reflete a primazia masculina nas bandas por sua origem militar. A respeito da presença da mulher nas bandas, ver Fontes (2019).

6 Para maiores detalhes sobre as características e os percursos individuais de cada sujeito, ver Silva (2020, p. 98-103).



motivações, o objetivo e o encaminhamento metodológico dessa pesquisa, apresento e discuto alguns trechos dos relatos desses ex-integrantes que, ao acessarem suas memórias, revelaram contribuições e limites existentes nas práticas educativas e musicais das bandas marciais escolares de que participaram.

As contribuições da participação em bandas escolares

As bandas marciais são espaços históricos, sociais e educativos que possibilitam o ensino de música e, também, o desenvolvimento de múltiplos aprendizados e habilidades não musicais, como a criação de laços afetivos e a formação de valores – compromisso, cooperação, responsabilidade, autoconfiança, liderança etc. (ADDERLEY; KENNEDY; WILLIAN, 2003, p. 198-199; CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 1-2; CAMPOS, 2008, p. 107; COSTA, 2008, p. 26-27; DAGAZ, 2012, p. 443-444; GIBSON, 2016, p. 12-13; SOARES, 2018, p. 87). Neste sentido, todos os sujeitos da pesquisa revelaram que seus percursos de formação em bandas marciais escolares trouxeram, em algum momento, contribuições para suas vidas.

As bandas marciais são atividades que, por seu caráter coletivo, reúnem pessoas que podem trocar conhecimentos e estabelecer interações sociais. Assim, são ambientes educativos que, dentre outras contribuições, permitem a criação de laços afetivos expressos na formação de amizades. Todos os sujeitos entrevistados revelaram, em algum trecho de seus depoimentos, que a banda possibilitou conhecer novas pessoas através de ensaios e apresentações. Como exemplificação dessas questões, o Sujeito 1 – de 19 anos de idade – relata que, na banda em que participava, existia uma atmosfera de cuidado e preocupação mútua entre os integrantes. Ele revela que, em seus momentos pessoais de tristeza e angústia, seus amigos notavam a situação e buscavam confortá-lo. Além disso, destaca que tais atitudes estabelecidas entre os integrantes da banda contribuíram para a construção de um sentimento de “família” e “irmandade”:

Além de sermos músicos, a gente podia se comunicar como irmãos: a parte afetiva, o lado pessoal. Se você estivesse com



*algum problema e não comentasse, o pessoal já ficava antenado e ia perguntar o porquê que eu estava assim. O pessoal já sabia quando eu estava meio triste, caladinho e deprimido. O pessoal não me conheceu triste assim, me conheceu sempre alegre. [A banda] além de me formar músico, me formou parte de **uma família**, além da irmandade e amizade, coisas que o cara tem que levar para vida, né? (S1-E2, 27/05/2019; grifo meu)⁷.*

O Sujeito 1 participou de bandas escolares por dez anos e, no momento da coleta, atuava profissionalmente nas Forças Armadas Brasileiras. Como podemos perceber em seu depoimento, as conexões emocionais estabelecidas dentro da banda podem exceder a concepção de amizade e provocar a sensação de família. O relato do Sujeito 1 mostra que sua experiência em bandas foi cercada de cuidado, preocupação, união e empatia. Neste sentido, a banda marcial configura-se como um espaço, por vezes, acolhedor e repleto de sentimentos compartilhados entre seus integrantes (CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 3; DAGAZ, 2012, p. 443-444).

O Sujeito 6, de 25 anos idade, participou das bandas durante nove anos e no momento da coleta era estudante de engenharia civil. Na mesma direção do depoimento do Sujeito 1, o Sujeito 6 revela:

*Às vezes, tinham os seus momentos de tristeza por uma coisa ou outra, mas sempre todo mundo estava ali firme e forte, como **uma família**, um apoiando o outro e, na época que eu participei de banda, sempre era desse jeito: cada um motivando o outro e sempre aquela energia positiva, dando aquela força para levantar o outro colega que estivesse mais triste, aquele que tivesse mais dificuldades. (S6-E1, 29/07/2019; grifo meu).*

Dessa forma, os depoimentos acima mostram que as bandas marciais de João Pessoa são atividades favoráveis à criação de laços afetivos e à formação de amizades dada a convivência prolongada que elas exigem. Neste sentido, a banda marcial pode ser percebida como uma possibilidade de prática musical que colabora para o desenvolvimento das interações sociais.

Estudos da área da educação musical, geralmente, apontam as bandas como formadoras de valores e condutas: cooperação, disciplina, liderança,

⁷ A indicação S1-E2, 27/05/2019 corresponde ao número do sujeito, ao número da entrevista e à data em que foi realizada. Além disso, as falas dos entrevistados aparecem em itálico para diferenciar de citações bibliográficas de autores.



respeito, responsabilidade, perseverança etc. (ADDERLEY; KENNEDY; WILLIAN, 2003, p. 198-199; CAMPOS, 2008, p. 107; CISLAGH, 2011, p. 64; SOARES, 2018, p. 97-98). Assim, cinco dos dez entrevistados revelaram que a participação em bandas marciais trouxe diversas contribuições relacionadas ao desenvolvimento de competências e valores. Por exemplo, o Sujeito 4 – de 21 anos de idade e 11 anos de experiências em bandas – aponta: *“Tive aprendizados como: cumprir os horários de ensaio, dedicação, organização com as partituras, cuidado com o instrumento e com o fardamento, pontualidade”*. (S4-E1, 10/06/2019). No momento da coleta, esse sujeito era Jovem Aprendiz em um hipermercado de João Pessoa.

O Sujeito 2, com 21 anos de idade, participou de bandas durante sete anos e, no momento da coleta, era repositor de supermercados. Na mesma direção do Sujeito 4, o depoimento do Sujeito 2 mostra que sua participação em bandas trouxe mais foco, concentração e seriedade. Além disso, contribuiu em seu comportamento dentro de sala de aula e em seu rendimento escolar:

Antes da música, eu era muito estressado e, tipo assim, depois que eu entrei no mundo da música, eu fiquei mais focado nas coisas, tive mais concentração, seriedade com tudo que eu fazia. A banda me ensinou a ser uma pessoa mais tranquila, mais concentrada, minhas notas no colégio melhoraram também. No começo, quem não tivesse notas boas não podia tocar na banda. Aí, uma coisa levou à outra. A banda me ajudou bastante nesses aspectos, eu não tenho dúvidas disso! (S2-E1, 28/05/2019).

No mesmo sentido, o Sujeito 8 – de 20 anos de idade, permaneceu em bandas por sete anos – aponta que a banda lhe possibilitou o desenvolvimento da persistência e da disciplina, elementos que utiliza atualmente em seus estudos e atividades laborais. Além disso, nos momentos finais da entrevista, o Sujeito 8 fornece maiores detalhes sobre o significado da banda e da música em sua vida:

Eu posso dizer que foi muito além dos desfiles e tocar em campeonatos. A banda marcial me deu amigos, me deu uma noção de vida, de ser um homem de valores, de tratar bem as pessoas, de poder dialogar com paciência sempre procurando a paz e não a discórdia. (S8-E2, 23/08/2019).



Neste sentido, Ilari (2005) aponta que não existem evidências suficientes de que o aprendizado de música traga benefícios no rendimento escolar e em outras disciplinas. Entretanto, pesquisas concordam com vários aspectos levantados pelos sujeitos relacionados a outras contribuições que o ensino de música pode oferecer: concentração, prática diária, persistência, cooperação, participação, memorização, progresso técnico etc. (LISBOA, 2019; PACHECO, 2008, p. 254). Como podemos perceber nos relatos anteriores, os significados que a banda exerce na vida dos sujeitos não se limitam às apresentações e aos conteúdos musicais, mas apontam para a formação de habilidades e competências que podem utilizar em suas vidas atualmente.

Além da construção de laços afetivos e da formação de valores, os sujeitos apontaram que as bandas marciais lhes permitiram se apresentar em diversos bairros, viajar e, portanto, conhecer outras cidades e estados. Dessa maneira, o Sujeito 7, de 25 anos de idade e dez anos de experiência em bandas, revela:

Esse tempo [em bandas] para mim, hoje, é importante porque se não fosse por ele eu não teria vivido nada da música. Foram muitos desfiles que eu fui. Eu não recordo de todos, mas foram muito bons. Além dos desfiles que teve, como de Mamanguape ou de Sapé, tiveram os de Espírito Santo e Santa Rita e foram todos muito bons. Eu gostei muito de viver esse tempo.⁸ (S7-E1, 31/07/2019).

No mesmo sentido, o Sujeito 9, de 20 anos de idade e sete anos de participação em uma banda marcial de uma escola privada de João Pessoa, aponta:

[Os desfiles] foram tão marcantes, tão importantes porque, quando você estava nele, você tinha a galera, você conversava, se divertia. Não era todo mundo que podia sair com seus amigos para viajar para o interior, e a banda trouxe essa oportunidade para a gente. Então, além de conhecer outros lugares, você conversava com outras pessoas [...]. Isso foi muito marcante para mim. (S9-E2, 29/08/2019).

A banda é uma das poucas atividades que oportuniza momentos de lazer, descontração, prestígio e visitação a outros locais. Logo, conjuntos musicais como as bandas marciais, corais e orquestras possibilitam, através de

⁸ Mamanguape, Sapé, Cruz do Espírito Santo e Santa Rita são municípios da Paraíba.



suas viagens, o contato com diversos espaços, culturas e experiências, suprimindo, também, a necessidade de lazer, uma vez que muitas famílias em situação de vulnerabilidade não possuem condições financeiras para viajar frequentemente. Além disso, as viagens são ocasiões que motivam diversos integrantes de bandas e de outros conjuntos musicais a permanecerem tocando (CARMO, 2014, p. 19-20; SANTANA, 2019, p. 107).

Durante a análise do material coletado, percebi que todos os sujeitos mencionaram as apresentações realizadas nas bandas de que participaram em suas primeiras entrevistas, revelando a pertinência desses eventos. Essas apresentações podem fazer com que os alunos se sintam valorizados e motivados, uma vez que têm a oportunidade de representar a escola e, assim, serem protagonistas prestigiados por suas famílias e por seus pares (PENNA et al, 2016, p. 53-54). Nesse sentido, o Sujeito 6 destaca que:

Sempre era gratificante ao final do desfile quando a banda recebia energia tanto dos maestros quanto de pessoas que não têm um conhecimento musical. Você recebia elogio pelo conjunto inteiro e também de forma individual. (S6-E1, 29/07/2019).

Além das contribuições não musicais apontadas nos relatos anteriores, as bandas marciais possibilitam o aprendizado de música, de maneira intencional, aos diversos membros da comunidade (CARVALHO; GONÇALVES, 2017, p. 141; SILVA, 2014, p. 112; SOARES, 2018, p. 33). Neste sentido, sete dos dez sujeitos entrevistados apontaram que as bandas lhes oportunizaram aprender um instrumento e iniciar nos fundamentos da teoria musical. Dessa maneira, o Sujeito 6 revela que a banda permitiu-lhe conhecer diversos instrumentos musicais, sobretudo os da família da percussão, além de suscitar o seu “amor pela música”:

Eu comecei a minha paixão pela música na banda marcial do colégio em que eu estudava com minha irmã e terminei me interessando assim pela banda. Foi assim que nasceu meu amor pela música. Surgiu uma oportunidade de eu entrar na banda. Antes eu não tinha nenhum contato com a música e com nenhum tipo de instrumento. Tudo foi consolidado através da banda marcial com o ensinamento que lá eu recebia. Foi onde eu conheci mais os instrumentos de percussão rudimentar e os instrumentos sinfônicos. (S6-E1, 29/07/2019).



Para esse sujeito, a banda marcial favoreceu o contato com o fazer musical e a consequente admiração pela música. Bourdieu e Darbel (2003, p. 110-111) apontam que o amor pela arte não é um dom natural, algo inato ao indivíduo, mas nasce de um convívio prolongado: a necessidade cultural vem da vivência. Quanto mais a necessidade cultural do sujeito é satisfeita, mais ela se acende, ou seja, é através do convívio prolongado – familiarização – que nasce o amor pela arte. Assim, uma das funções da escola é ampliar o acesso às artes e permitir uma aquisição cultural institucionalmente organizada que ofereça os instrumentos de percepção necessários à compreensão das obras de arte. Dessa maneira, a escola entraria como instituição cujo papel seria oportunizar o acesso ao capital cultural de um modo geral, no qual se inclui a arte e, mais precisamente, a música. Neste sentido, as bandas escolares podem configurar-se como ferramentas educativas que promovem o contato e a familiarização dos alunos com a arte da música, contribuindo, ainda, para o enriquecimento cultural.

Os sujeitos também mencionaram que as bandas marciais lhes permitiram ter acesso a outros locais em que o ensino de música ocorre. Através das bandas escolares, alguns puderam ingressar em orquestras jovens da cidade e/ou frequentar os cursos de extensão em música ofertados pela Universidade Federal da Paraíba. Assim, Sujeito 9 revela:

Através da banda, eu pude dar entrada em um curso de extensão na UFPB, e, de lá, eu fui chamado para tocar na Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba. Só que a pessoa, criança, não deu continuidade ao trabalho, né?” (S9-E1, 27/08/2019).

Dessa maneira, as bandas podem promover o acesso a outros espaços que lidam com o ensino específico de instrumentos musicais, a exemplo de cursos de extensão em música, e a outros conjuntos instrumentais, como as orquestras. Além disso, as bandas podem favorecer o intercâmbio de conhecimentos através do contato com outros músicos da cidade.

É preciso ressaltar que o aprendizado musical não foi mencionado com tanta ênfase pelos sujeitos em seus depoimentos, quando comparado a outras contribuições apresentadas e discutidas. Assim, as narrativas dos sujeitos



mostram que, para muitos, as experiências e os conhecimentos gerais que as bandas marciais escolares promovem – apresentações, formação de valores, criação de laços afetivos etc. – parecem ser mais significativos em suas vidas do que o aprendizado de conteúdos musicais. Isto reafirma que a música é uma prática social e comunitária que pode favorecer experiências relevantes aos membros de uma banda, por exemplo: estar em grupos, interagir, tocar, sentir-se protagonista etc.

Os depoimentos apresentados neste item mostram algumas contribuições das bandas escolares para o acesso ao ensino de música, desenvolvimento de interações sociais e formação de valores. Além disso, esses grupos favorecem o conhecimento de outros locais (bairros, cidades, estados) e o sentimento de protagonismo através de suas apresentações. Todavia, os sujeitos revelaram, com base em suas experiências, algumas insatisfações e limites relacionados às práticas educativas e musicais em bandas marciais escolares.

Os limites da participação em bandas escolares

Como discutido, as bandas marciais escolares são espaços que favorecem as interações pessoais e o desenvolvimento de competências e valores, tornam, muitas vezes, a educação musical acessível a quem não tem outras possibilidades e permitem ao aluno explorar outras fronteiras através das apresentações e viagens que promovem. Entretanto, os relatos dos sujeitos revelam que as práticas educativas e musicais em bandas escolares também possuem seus limites. Assim, nove dos dez entrevistados apontaram situações que consideram problemáticas durante seus respectivos percursos de formação nesses grupos.

Nóbrega (2018, p. 68), ao conduzir um *survey* com setenta regentes de bandas marciais da rede municipal de João Pessoa em 2017, percebeu que esses profissionais declararam adotar um repertório eclético em seus grupos que abrange do popular ao clássico erudito – dobrados, marchas, músicas clássicas para bandas sinfônicas, arranjos de músicas populares etc.



Entretanto, os Sujeitos 2 e 3 desta pesquisa apontam o contrário. O Sujeito 2 revela:

A primeira e a segunda banda que vêm atrás [no desfile] tocam a mesma música e a outra vem e toca de novo. Antigamente, no tempo de desfiles, as ruas eram pipocadas de gente. Hoje em dia, você vê um pouquinho aqui, um pouquinho ali. O pessoal chega na rua – às vezes o desfile é no sol quente torando – e as bandas tocando tudo a mesma coisa, de bolo, sem ter aquela preocupação com a qualidade. A pessoa quer escutar alguma coisa diferente e não tem. (S2-E2, 04/06/2019).

268

Na mesma direção, o Sujeito 3, de 20 anos de idade e 12 anos de participação em bandas, revela:

O que uma banda tocava, tudinho tocava. Aí, os desfiles, meu Deus do céu, tipo assim, o público está lá para assistir uma banda tocando uma música, aí vem outra atrás tocando a mesma música, três bandas tocando em sequência a mesma música. Eu falei: “Tem futuro não!”. (S3-E2, 26/08/2019).

As narrativas destes dois ex-integrantes revelam que as bandas marciais de João Pessoa, por vezes, não adotam um repertório variado, preferindo imitar ou “copiar” umas às outras. Além disso, esses relatos mostram que tal situação acarreta o afastamento do público e acaba desmotivando os próprios alunos a permanecerem nas bandas marciais.

Com base na minha experiência como regente, concordo com os sujeitos ao revelarem que, geralmente, diversas bandas marciais escolares de João Pessoa aderem a um repertório não muito versátil e eclético. Nos desfiles cívicos e nos campeonatos, é possível perceber um grupo de bandas executando a mesma música em busca de *status* e prestígio social, tornando os eventos, por vezes, repetitivos e cansativos. Assim, caminham em direção oposta ao que Swanwick (2003, p. 39) e Penna (2015, p. 88) defendem, ou seja, a necessidade de uma educação musical pautada na “interculturalidade”, no diálogo com diversas manifestações musicais. Também, os sujeitos não revelaram momentos de exploração sonora e ampliação do universo estético através do repertório adotado. Neste sentido, podemos pressupor que a banda marcial pode favorecer a aquisição de valores e o aprendizado de um instrumento musical; entretanto, por vezes, possui limites quanto ao



desenvolvimento de atividades criativas, bem como à diversidade e compreensão do repertório trabalhado em suas dimensões estéticas, históricas, sociais e culturais (ALLSUP; BENEDICT, 2008, 169; WHITENER, 2014, p. 1-3).

Além da falta de consciência intercultural na adoção do repertório das bandas, o autoritarismo ainda é uma postura adotada por muitos regentes. Dessa maneira, o Sujeito 3 destaca a conduta truculenta do regente da banda em que participou ao empregar vocábulos de baixo calão nos momentos em que os alunos não executavam o repertório de forma adequada:

Tipo assim... o regente pegou os alunos, queria tocar uma música, errava e falava: “Você não estudou não seu músico não sei o quê”, chamando palavrão. Rasgava mesmo, jogava a batuta no chão e ficava gritando lá. (S3-E2, 26/08/2019).

Na mesma direção, o Sujeito 8 revela:

Teve um ensaio para uma apresentação no Ceará, o último ensaio no sábado antes da viagem, e eu ensaiei meio que relaxado, porque eu estava cansado da rotina de todos os dias, de ensaiar. Eu me lembro que eu não fiquei na posição certa e eu levei uma chamada. Ele [o regente] falou: “presta atenção, porque senão lá você vai fazer da mesma forma”, de uma forma bem grosseira que eu não quero repetir a forma que ele falou. Ele chamou um palavrão e na frente de toda a corporação, porque muitas pessoas iam assistir [aos] ensaios – pais, família... – e eu especificamente fui chamado atenção. Não achei legal não. Mas depois eu entendi e ele veio até mim e falou o porquê falou aquilo. Ele pediu desculpa. (S8-E2, 23/08/2019).

Assim como os uniformes, a instrumentação e o repertório, o autoritarismo de alguns regentes atuais pode ser um resquício das origens militares das bandas e suas normas, códigos de conduta e relações hierárquicas próprias apontadas por diversos autores (BINDER, 2006, p. 64; COSTA, 2011, p. 249-250; DANTAS, 2018, p. 13; LIMA, 2007, p. 33-37; SILVA, 2012, p. 40). Além disso, muitas vezes, os regentes estão tão preocupados com a qualidade da performance de seus grupos e com a conquista de títulos e premiações em competições de bandas que acabam esquecendo de suas funções sociais enquanto educadores, externando atitudes agressivas nos momentos em que os resultados artísticos não estão aceitáveis. Dessa



maneira, o regente precisa cobrar e conscientizar o aluno da importância do estudo individual do instrumento e do repertório, das regras e condutas da banda. Entretanto, quando é desrespeitosa e constrangedora, esta cobrança torna-se perigosa, especialmente na saúde psicológica e em termos de referência educativa para o estudante.

No mesmo sentido, o Sujeito 5, de 20 anos de idade e cinco anos de participação em bandas, revela uma cena lamentável que mostra que, por vezes, existe um despreparo pedagógico por parte do regente e do coreógrafo que estão à frente da banda:

O regente e o coreógrafo acabaram entrando em discussão. Nisso, com tempo, começamos a parar de se dedicar e tal. Ele xingava a gente. Ele nos gritava. Começou a ficar ignorante do nada com a gente. Aí, muitos alunos foram desgostando. Com o tempo, os próprios alunos abandonaram a banda marcial por causa desses motivos, ia ter até briga corporal também entre o coreógrafo e o regente. Eles só não se pegaram na briga porque teve uns alunos lá que se levantaram e disseram: “não faz isso não, fica aqui com a gente”. Nós estávamos no formato de concha ensaiando e do nada eles começaram a bater boca querendo bater um no outro dentro da quadra. (S5-E1, 12/06/2019).

Neste relato percebemos que existe um despreparo do regente e do coreógrafo para a atuação pedagógica dentro das escolas. Muito disso é reflexo da falta de parâmetros claros para a admissão destes profissionais em projetos de bandas, não havendo sequer um edital de seleção. A ausência de critérios pedagógicos para a contratação de regentes e coreógrafos pode ocasionar problemas na atuação destes com os alunos das bandas marciais das escolas. Nesse sentido, Almeida (2005, p. 54) e Ghanem (2008, p. 72) destacam que a não exigência de uma formação pedagógica para os professores ainda é corrente em diversos projetos de educação não formal – incluindo os que ofertam ensino de música. Por vezes, o único requisito para contratação é ser um músico profissional ou um aluno com destaque no projeto de que faz parte. Entretanto, Penna (2007, p. 53-55) aponta que para ser um educador musical “não basta tocar”, mas tornar-se um profissional que reflete sobre sua prática e assume o compromisso social e pedagógico com os diversos contextos educativos – incluindo a banda.



Durante meu percurso em bandas, foi possível presenciar situações de intrigas envolvendo os regentes e os coreógrafos de bandas marciais escolares, geralmente provocadas por disputas de poder, *status* ou divergências a respeito do *modus operandi* adotado nestes grupos. Tais posturas podem ocasionar desconfiança e descrédito sobre o potencial educativo das bandas em gestores escolares que, em razão disso, podem não desejar mais a presença desses grupos em suas escolas (NÓBREGA, 2018, p. 62). Dessa forma, é preciso que regentes e coreógrafos estabeleçam uma relação de diálogo e respeito, tendo a consciência de suas atuações pedagógicas dentro das escolas e as respectivas ressonâncias de suas atitudes e posturas na formação do estudante.

Apesar de diversos estudos sobre as bandas apontarem que tais grupos são ambientes propícios para que os estudantes possam desenvolver aspectos como o convívio, a responsabilidade e a disciplina (CARVALHO; GONÇALVES, 2017, p. 157; CISLAGHI, 2011, p. 64; COSTA, 2008, p. 40; CUMBERLEDGE, 2016, p. 45-46; GIBSON, 2016, p. 13), alguns sujeitos destacaram cenas relacionadas à indisciplina, à falta de organização e à rivalidade entre bandas. Dessa maneira, o Sujeito 1 relata, com semblante de incômodo e insatisfação, uma cena relacionada à desorganização dos ensaios:

Na verdade, o pessoal pensa que é perfeito, né? Quando está lá na rua é bonitinha, mas ninguém sabe o que se passa, quantas horas de ensaio a gente faz, sentados, quebrando a cabeça. Os caras ficavam conversando e tocando e o regente lá mandando calar a boca. A dificuldade da banda marcial era a educação. O pessoal ficava conversando a todo instante. Quando eu tinha uma dificuldade, eu sempre ficava com a mão levantada até o maestro vir. Só que, quando ele estava me explicando, tinha gente tocando e conversando. (S1-E2, 27/05/2019).

Na mesma direção, o Sujeito 2 aponta a existência de disputas e rivalidades entre bandas que podem acarretar cenas de violência:

No meu tempo de campeonato de banda, tinham competições saudáveis e não saudáveis também [risos]. Um partia para cima do outro, tinham brigas. Quando bandas conhecidas se encontravam, o pau comia à solta. Era briga que ninguém queria saber, tudo por causa de resultado, dizendo que era roubo, que não era não sei o quê. (S2-E2, 04/06/2019).



Além da rivalidade entre bandas marciais distintas, alguns sujeitos apontaram a existência de disputas entre membros do mesmo grupo. Assim, apesar de concordar com a literatura acadêmica que destaca as bandas como propícias ao desenvolvimento de relações sociais e de valores éticos, é possível presenciar situações de rivalidade e não aceitação entre seus membros. Neste sentido, o Sujeito 10, de 18 anos de idade e dois anos de participação em bandas, manifesta seu desagrado quanto à postura pedante de seus colegas:

Eu aponto a questão de a galera ser muito pabulosa. A galera podendo ver você crescer, mas sempre estão tacando o pau. Aqueles caras boçais que ficam se achando. Os maestros sempre me ajudaram, independente das minhas falhas e dos meus erros. Se fosse pelos alunos, os caras que são boçais, queria que o cara estivesse nem tocando mais na banda. (S10-E2, 17/10/2019).

Alguns sujeitos entrevistados destacam, ainda, um cenário que envolve a falta de incentivo e investimento enfrentados pelas bandas. Dessa forma, eles expõem suas insatisfações quanto à negligência e o descaso por parte do poder público, que não oferece as condições necessárias para o funcionamento das bandas. Além disso, revelam que, muitas vezes, os regentes precisam comprar materiais de custeio – baquetas, peles, fardamentos etc. – com os próprios salários, a fim de garantirem que os estudantes possam participar das bandas – mesmo que de forma precária – e de não permitirem a desativação dos grupos. Neste sentido, o Sujeito 3 relata:

Hoje em dia está faltando incentivo para todo mundo, porque antigamente a prefeitura mandava fardamento e um monte de coisas. Hoje, se você precisar de uma pele você tem que comprar. Eu vejo os regentes comprando coisas, mas esse projeto não era para acabar, não! Era para a prefeitura cair em cima mesmo e ajudar, porque eu acho que é o mais bonito que tem. É a coisa mais bonita. (S3-E1, 09/07/2019).

Costa (2008, p. 30) e Soares (2018, p. 159) alertam para a falta de incentivo e valorização das bandas por parte do poder público, que, muitas vezes, prefere investir na contratação de grupos musicais presentes nas mídias a fim de animarem as festividades. Dessa forma, muitas bandas escolares sofrem com dificuldades financeiras, instrumental avariado e falta de espaço



físico adequado para o exercício de suas atividades⁹. Apesar de não pretenderem generalizações, os relatos dos sujeitos apresentados nesse estudo servem de alerta para que os órgãos públicos possam investir e valorizar as bandas marciais escolares como ferramentas educativas que possibilitam uma série de benefícios musicais e não musicais aqui já discutidos.

A análise aqui apresentada é um recorte das narrativas dos sujeitos entrevistados. Dessa maneira, os limites revelados e discutidos não implicam dizer que em todas as bandas marciais ocorrem os mesmos problemas, uma vez que cada escola, cidade, bairro e região apresentam contextos e realidades diversas e singulares. Portanto, as percepções e as experiências apresentadas pelos sujeitos são subjetivas, não cabendo generalizações.

As bandas marciais escolares de João Pessoa são ferramentas que favorecem o acesso à educação musical e o desenvolvimento de diversas competências e habilidades – respeito, tolerância, persistência, socialização etc. Entretanto, os limites apontados pelos sujeitos através de seus depoimentos podem fomentar novos debates sobre as práticas de educação musical nesses espaços e minimizar a visão idealizada e “romantizada” que, muitas vezes, a literatura acadêmica tem elaborado sobre tais grupos.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical. Foram coletados depoimentos de dez ex-integrantes por meio de entrevistas narrativas e, como

9 Apesar dos sujeitos e dos autores questionarem a falta de incentivo e apoio às bandas por parte do poder público, vale mencionar a atuação da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) – órgão do Governo Federal – ao promover cursos de capacitação para regentes, instrumentistas e arranjadores de bandas de música. Além disso, disponibiliza editais com o objetivo de repor o instrumental das bandas. Entretanto, conforme o último edital publicado em 21 de janeiro de 2020, as bandas marciais e fanfarras não são contempladas. Para maiores esclarecimentos: www.funarte.gov.br/paineis-funarte-de-bandas-de-musica.



complemento de informação, uma segunda entrevista semiestruturada. Dessa forma, foi possível acessar a memória desses sujeitos e conhecer suas histórias de vida musical e seus percursos de formação em bandas.

A partir da análise e discussão dos dados, pudemos perceber que as bandas marciais escolares são ambientes férteis para as interações sociais, a formação de amizades e o desenvolvimento de competências e valores. Além disso, oportunizam o aprendizado musical através da prática instrumental e, também, proporcionam momentos marcantes aos alunos através de suas viagens e apresentações – especialmente aos que não tem condições financeiras de pagar por aulas de música ou de viajarem constantemente. Assim, as bandas podem promover experiências e aprendizados significativos aos seus estudantes e/ou a quem já teve a oportunidade de participar.

Todavia, os depoimentos dos sujeitos também indicaram a existência de alguns limites presentes nas práticas musicais desses grupos: adoção de um repertório repetitivo; despreparo pedagógico; indisciplina e rivalidade; falta de incentivo e investimento. Dessa forma, o ensino de música em bandas escolares necessita tomar uma postura mais reflexiva que ultrapasse as dimensões artísticas e performáticas, mas que, além disso, se preocupe com os processos didáticos, criativos, socioafetivos e interculturais. A discussão apresentada provoca, ainda, um alerta sobre a necessidade de maior apoio, investimento e valorização do trabalho educativo das bandas escolares.

Cabe salientar que as práticas educativas em bandas foram analisadas com base nos depoimentos dos sujeitos – ou seja, como eles as experienciaram. Os dados revelados e discutidos partem das experiências subjetivas de cada ex-integrante e, pelo caráter qualitativo da pesquisa, não pretendem generalização. Dessa maneira, espero que a análise aqui apresentada possa contribuir para o desenvolvimento da Educação Musical em bandas escolares enquanto campo epistemológico – sem idealismos – que pode ecoar no exercício reflexivo e na prática pedagógica dos regentes. Além disso, espero que as discussões e problematizações propostas neste estudo possam favorecer a compreensão dos significados, experiências,



potencialidades, limites e avanços das práticas educativas e musicais em bandas marciais escolares.

Referências

ADDERLEY, Cecil; KENNEDY, Mary; WILLIAN, Berz. A Home away from Home: The world of the high school music classroom. **Journal of Research in Music Education**, [s. l.], v. 51, n. 3, p. 190-205, 2003. Disponível em: <https://cutt.ly/9b6YFwj>. Acesso em: 11 nov. 2019.

ALLSUP, Randall Everett; BENEDICT, Cathy. The problems of band: An inquiry into the future of instrumental music education. **Philosophy of music education Review**, [s. l.], v. 16, n. 2., p. 156-173, outono, 2008. Disponível em: <https://cutt.ly/0b6YZy7>. Acesso em: 4 abr. 2020.

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Educação musical não-formal e atuação profissional. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, n. 13, p. 49-55, set., 2005. Disponível em: <https://cutt.ly/vb6YVux>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil**: Difusão e organização entre 1808-1889. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música) - UNESP, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://cutt.ly/uWHInbA>. Acesso em: 8 set. 2019.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. 2 ed. São Paulo: EDUSP/ Zouk, 2003.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, n. 19, p. 103-111, mar., 2008. Disponível em: <https://cutt.ly/ob6Y9nQ>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CARMO, Claudionor Crisostomo do. **Motivação para tocar na banda**: um estudo com dois alunos da banda marcial do Colégio Sergio Fayad Generoso em Formosa-GO. 37 p. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília, Formosa-GO, 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/Pb6Y4LD>. Acesso em: 4 nov. 2019.

CARVALHO, Aline Panneitz de; GONÇALVES, Lílian Sobreira. Contribuição pedagógica das oficinas de Banda Marcial. **Educação**, Batatais, v. 7, n. 4, p. 141-159, jul./dez. 2017.

CHAGAS, Robson Miguel Saquett; LUCAS, Glaura. Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo, ANPPOM, 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/Fb6Y65G>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CISLAGHI, Mauro César. A educação musical no projeto de bandas e fanfarras de São José (SC): Três estudos de caso. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 19, n. 25, p. 63-75, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://cutt.ly/Db6UChL>. Acesso em: 10 jul. 2019.

COSTA, Manuela Areias. Música e História: Um estudo sobre as bandas de música civil e suas apropriações militares. **Tempos Históricos**, [s. l.], v. 15, p. 240-260, 2011. Disponível em: <https://cutt.ly/Tb6U7eJ>. Acesso em: 23 set. 2019.

COSTA, Luiz Fernando Navarro. **Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro**. 2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6626>. Acesso em: 1 set. 2019.

CUMBERLEDGE, Jason. The benefits of college marching bands for students and universities: a review of literature. **National Association for Music Education**, [s. l.], v. 36, p.44-50, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/8755123316682819>. Acesso em: 3 nov. 2019.

DAGAZ, Mari. Learning from the band: trust, acceptance and self-confidence. **Journal of contemporary ethnography**, Pennsylvania, v. 41, n. 4, p. 432-461, ago. 2012. Disponível em: <https://cutt.ly/2b6ld5b>. Acesso em: 1 abr. 2020.

DANTAS, Fred. Bandas, Fanfarras e Filarmônicas. *In: Sonora Brasil*. Bandas de música: formações e repertório. Rio de Janeiro: Sesc, 2018. p. 12-29. ISBN 978-85-8254-061-9.

FONTES, Laizime da Silva. Regência feminina: **A inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa**. 2019. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GHANEM, Elie. Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional. *In: ARANTES (org.), Valéria Amorim. Educação formal e não-formal*. São Paulo: Summus editorial, 2008, p. 59-89.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBSON, Adrian Thomas. **Students' perceptions of high school band programs, their marching bands, and factors that lead to intend enrollment in these ensembles**. 2016. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Georgia State University, Georgia, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/Tb6lYhQ>. Acesso em: 7 out. 2019.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai./ago., 2006. Disponível em: <https://cutt.ly/Vb6lDge>. Acesso em: 20 ago. 2018.



ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida. **Revista eletrônica de musicologia**, Curitiba, v. 9, out., 2005. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMV9-1/ilari.html. Acesso em: 15 abr. 2019.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda estudantil em um toque além da música**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

LISBOA, Rodrigo. A importância do ensino de música na vida das crianças: considerações sobre os possíveis benefícios psicossociais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24, 2019, Campo Grande. **Anais** [...]. Londrina, 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/tb6IHqW>. Acesso em: 18 maio 2020.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **A cidade das bandas**: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/TWHI3zM>. Acesso em: 20 out. 2018.

PACHECO, Caroline Brendel. Transferências de habilidades cognitivas e a música: uma revisão. *In*: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 4, 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 249-256. Disponível em: <https://cutt.ly/nb6O9qx>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PENNA, Maura; MENDES, Eliane; BRITO, Alan Araújo; LINHARES, Ian Bandeira; BARROS, Olga Renali; PEREIRA, Raquel Dantas Gomes. O programa mais educação e a banda escolar: a atualização de uma tradição. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 40-59, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/ub6O7g3>. Acesso em: 19 jun. 2020.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, n. 16, p. 49-56, mar., 2007. Disponível em: <https://cutt.ly/0WCL5Tk>. Acesso em: 19 dez. 2019.

QUEIROZ, Luis. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves**, João Pessoa, n. 2, p. 87-98, nov., 2006. Disponível em: <https://cutt.ly/QWHOjSn>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SANTANA, Elizane Priscila Silva. **Cidadania e projetos sócio-orquestrais**: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do Prima. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/UWHOUBe>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. **Memórias da banda**: percursos de formação de integrantes. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/MWHO5yn>. Acesso em: 8 set. 2021.



SILVA, Francinaldo Rodrigues da. **A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música**: um estudo com duas bandas escolares. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/1WHPoxv>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino aprendizagem musical. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2012. Disponível em: <https://cutt.ly/9WHPIgz>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SOARES, Adalto. **Orquestra de Metais Lyra Tatuí**: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/jWHPM64>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

WHITENER, Jonh L. Using the elements of cooperative learning in school band classes in the United States. **International Journal of Music Education**. SAGE, v. 34, n. 2, p. 1-15, 2014.

Sobre o autor

Rodrigo Lisboa da Silva

rodrigoltrombonista@gmail.com

Professor e pesquisador. Mestre em Música (Educação Musical) pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-graduado em Educação Musical e Ensino de Artes pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Música (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal da Paraíba. Docente da rede estadual de educação básica da Paraíba.

Recebido em: 06/07/2021

Aprovado em: 10/09/2021

